



*Doulares*

# A LINGUAGEM DA EMOÇÃO

por Roldão Aguiar

# INTRODUÇÃO

“A Linguagem da Emoção” é a história de Dafne, uma personagem fictícia, mas que representa a realidade de qualquer jovem que participa de uma banda civil, patrimônio musical e cultural de Mariana. A simbólica União XV de Novembro, escolhida para representar o universo dessas bandas, anda lado a lado com a história de Mariana.

Este texto integra o projeto “Odisseias Marianenses”, que tem como intuito agregar diferentes histórias dentro do rico universo que é a cidade de Mariana, com toda sua cultura e história, buscando trazer diferentes perspectivas para temas que são verdadeiros patrimônios culturais desta cidade. O projeto foi realizado com o apoio da Secretaria de Cultura, Patrimônio Histórico, Turismo e Lazer de Mariana, com fundamento nas disposições da Lei Manoel da Costa Athaide.

Texto, revisão e diagramação por Roldão Aguiar.

Ilustrações por Otávio Tavares.

*“As **Bandas de Mariana** estarão sempre vivas pelo entusiasmo e dedicação de seus componentes e continuarão através dos tempos enquanto existirem intérpretes capazes de sentir, viver e amar a arte musical na imensa plenitude de suas glórias. A **música marianense** sempre será: Linguagem da emoção, beleza sonora que não morre nunca”*

(Alvaro Walter)

**E**u mal consigo respirar direito. Só consigo pensar naquilo. Nunca pensei que passaria por isso... Ok, talvez eu seja um pouco preocupada demais com as coisas, mas acho que nunca estive tão ansiosa em toda a minha vida! Acho que vou infartar. Será que é a idade? Mas eu só tenho 17 anos... Eu tô com tanto medo, parece que eu não sei nenhuma das minhas partes, mesmo a gente tendo ensaiado diversas vezes, como a gente sempre faz. A gente ensaiou tanto, mas tanto, e como se não bastasse todos os ensaios com a banda, quando chegava em casa eu ainda ensaiava minhas partes sozinha, por horas e horas a fio. Fiz isso todos os dias durante as duas últimas semanas, então, supostamente, eu deveria estar segura quanto a apresentação, só que eu mal consigo respirar direito! Que peso no peito, eu só consigo pensar no dia de amanhã, na minha primeira apresentação oficial como membra da União XV de Novembro, simplesmente uma das bandas civis mais tradicionais de Mariana! Não posso fazer feio, não posso errar. Eu até consigo imaginar, eu sentando no meu lugar, o público da praça ávido a nossa frente, eu abro o caderno de partituras e não consigo entender nada. Para onde meu aprendizado foi? Tudo que meu regente me ensinou? Tento empunhar meu trompete corretamente, mas me atrapalho toda, deixo o instrumento cair no chão. O bocal queima os lábios. A banda começa a tocar e todas as notas que saem do meu trompete estão desafinadas. Meus companheiros me olham sem entender o que está acontecendo. O regente me olha com ar de reprovação, assim como meu pai, visivelmente decepcionado. Ai meu Deus, Ai meu Deus, que pensamentos são esses? Onde foi parar minha confiança? Por que estou com tanto medo? Tenho vontade de chorar, espernear, mas não sei nada. Me sinto sufocada dentro do meu próprio corpo, sufocada dentro do meu próprio quarto.

Preciso de ajuda.

Saio do meu quarto e desço as escadas. Consigo ouvir meus pais conversando, na cozinha. Parece que minha avó também está em casa. O que será que eles vão pensar de mim, neste estado por causa da apresentação? Estou tremendo, tamanha é minha ansiedade. Meu pai sempre aparenta estar tão tranquilo nas apresentações, parece fazer parte da natureza dele... Ai ai ai Senhor, o que é que eu vou fazer? Quero me sentir calma igual ao meu pai. Será que não estou pronta? Não mereço meu lugar na banda? Acho que meus pais ficariam muito chateados em me ver assim, duvidando de mim mesmo, até da minha própria sombra. Falar com eles agora só pioraria a situação.

Subo as escadas de novo. Resolvo ligar pro Eduardo, talvez ele possa me ajudar. O Eduardo é o meu único amigo que entende essas coisas de banda, por que ele

toca na São Vicente de Paulo e já se apresentou algumas vezes em público. Ele vai saber me dizer o que devo fazer.

“Alô, Edu?”

*“Oi Dafne, tudo bem? Você não é de me ligar, ainda mais essas horas!”*

Era verdade, não gosto muito de conversar com as pessoas pelo celular. E apesar de ser sábado, já eram nove horas da noite, não fazia ideia do que o Edu estava fazendo, se eu estava o atrapalhando.

“Desculpa cara, é que eu não tô nada bem... Tô te atrapalhando?”

*“Não! Eu tava só ouvindo música aqui no quarto. Você está ansiosa por causa da sua apresentação amanhã né?”* — Edu foi direto ao ponto, era como se ele tivesse lido minha mente.

“Cara, eu tô a ponto de explodir! Eu tô morrendo de medo de errar tudo amanhã, o que eu faço?” — Minha voz soava trêmula e chorosa.

*“Amiga, fica calma! É assim mesmo, a ansiedade antes do vamo ver sempre acontece. Mas você tem que confiar em você mesmo! Poxa Dafne, você é uma trompetista de primeira! Eu tive vontade de entrar pra uma banda de música por sua causa, lembra?”*

Esbocei um sorriso pensando nesta memória. Quando eu entrei na escola de música da União XV, por influência dos meus pais, eu me entusiasmei demais por começar a aprender teoria musical, aprender a tocar um instrumento. Enchia o saco dos meus amigos, só sabia falar disso. Mas o Eduardo era o único deles que ouvia com atenção e certo entusiasmo.

“Eu lembro, é por que eu não parava de falar sobre isso com você né? Mas acho que foi depois que eu te apresentei ao meu pai e alguns dos músicos da banda é que você realmente decidiu que queria aprender um instrumento também, né?”

*“Foi mesmo Daf. Eu fiquei encantado com as histórias que seu pai e o pessoal da União contaram pra gente, e mais encantando ainda quando vi eles tocarem! A gente que mora em Mariana sempre teve contato com as bandas né? Desde crian-*

*cinha vendo as bandas tocarem no Jardim, aos domingos, parecia algo mágico! Na verdade, ainda parece, ainda mais quando se conhece o pessoal que faz parte disso tudo, que faz isso tudo acontecer. Deu vontade de fazer parte desse mundo, então fui atrás, procurarei a São Vicente de Paulo, que sempre deu pra ouvir ensaiando aqui de casa.”*

A Sociedade Musical São Vicente de Paulo é outra das diversas bandas tradicionais de música que tem como casa a cidade de Mariana. A sua sede e local de ensaios fica localizada na Chácara, o bairro onde Eduardo mora. Hoje em dia ele toca saxofone barítono na banda.

*“Eu não sabia disso de forma consciente antes de entrar na banda, mas a música sempre mexeu muito comigo. Sempre me aflorou bons sentimentos. Desde o funk que ouvimos com nossos amigos nos rolês até o jazz e os tradicionais dobrados que a gente toca com a banda. Descobri que a música é um verdadeiro amor pra mim, e é tocando um instrumento que encontrei um jeito de me expressar pro mundo!”*

Percebi o entusiasmo de Edu pelo telefone, e as palavras dele transmitiam algo que eu também sinto em relação a música. Uma verdadeira paixão, algo que não pode muito bem ser descrito em palavras. Algo que flui pelas nossas veias e nos faz sentir vivos.

“São Vicente, União... E sempre mágico ver uma banda tocar, realmente Edu! Aqui na família isso é tradição, então desde quando eu era um bebê já me via envolta desse mundo de música. É algo que parece estar no sangue mesmo...”

*“E realmente está no sangue, Daf! Toda sua família faz parte da União! Não tinha como ser diferente com você.”*

Meu pai faz parte da União XV de Novembro desde muito tempo antes de eu nascer. Na verdade, a origem de sua relação com a banda se assemelha muito com a minha própria, já que o pai dele, meu avô, também era músico na União. Foi inclusive através da banda que meus pais se conheceram: Minha mãe adorava ver a banda passar e pouco a pouco foi tendo uma relação mais próxima com o pessoal da banda, ajudando no que podia. Tempos depois até aprendeu a tocar! Assim como com minha avó e meu avô, a banda é uma paixão mútua de meu pai e de minha mãe. E minha também.

“É aí que mora meu medo, Edu. Se eu errar amanhã, na frente de todo mundo,

na minha primeira apresentação, não consigo imaginar a vergonha que vou fazer minha família passar!”

*“Ah, deixa de ser boba menina! Você já conversou com eles, comentou sobre o que está sentindo?”*

“Ainda não... Estou com medo do que eles podem pensar”

*“Você sabe que esse é um medo bobo, Daf. Afinal, eles são seus pais! Além disso, eles conhecem muito bem essa sensação que você está sentindo agora. Pode ter certeza disso. Então trate de ir lá e conversar com eles! Tenho certeza que eles vão ser super compreensíveis e te ajudar neste momento. É pra isso que servem os pais, afinal!”*

Eduardo deu aquela risada descontraída, que sempre me acalma quando estou nervosa. Ele parece nunca se preocupar com nada, sempre mantendo a calma, enquanto eu coloco uma dose de preocupação em tudo. Nossa relação mantém esse equilíbrio.

“Tá bom Edu, acho que vou fazer isso... muito obrigada pelo apoio tá? Te vejo lá amanhã?”

*“Não precisa agradecer amiga! É claro que vou estar lá pra te prestigiar amanhã, sei que você vai arrasar! Agora vai lá bater um papo com seus pais e ter uma boa noite de sono, ok? Vai dar tudo certo!”*

“Tá bom Edu. Brigado mesmo, viu? Até amanhã!”

Já estava um pouco mais calma. A conversa com Edu tirou o medo bobo que eu estava de conversar com os meus pais, mas ainda estava insegura com a apresentação de manhã. Será que eu lembro de todas as minhas partes? Eu me preparei tanto, mas agora parece que não lembro de nada. E nem adianta pegar no trompete agora, só de pensar nisso me dá vertigem!

Bem, não adianta ficar me lamentando a noite toda. Decido descer as escadas, um degrau de cada vez, em vez de dois em dois como sempre faço, e conversar com o pessoal lá em baixo.

Da sala, consigo ver pai, mãe e vó sorridentes na mesa de jantar, provavelmente



conversando sobre nada em especial, como costumeiramente fazem durante as noites dos fins de semana. Assim que boto os pés na cozinha, o assunto passa a ser eu.

— Ah, aí está minha garota. Finalmente apareceu!” — Meu pai anunciou. Ele estava com um enorme sorriso no rosto, maior do que o habitual.

— Junte-se a nós, querida. Tudo certo para a apresentação amanhã? A vó Nena disse que tá doida pra te ver apresentar lá no Jardim, que vai tirar um monte de fotos”.

Minha mãe também estava bem humorada, conseguia ver o orgulho nos olhos dela. Olhei para minha avó e vi o mesmo brilho nos olhos, enquanto ela soltava uma deliciosa gargalhada. Aquele clima de alegria e de paz transbordou meu coração e me acalmou mais um pouco.

— Bem, era exatamente sobre isso que eu queria conversar com vocês — Minha voz saiu trêmula e engasgada.

— Eu estou muito, muito ansiosa com a apresentação amanhã. Não sei o que fazer. Tenho medo de chegar lá amanhã e errar tudo! Não me sinto preparada, por mais que eu tenha praticado muito nos últimos dias, tanto sozinha quanto com o resto da banda... Gente, tô com vontade de desistir! — Meus olhos começaram a lacrimejar enquanto me sentava na cadeira vaga.

Minha família se entreolhou, todos com um sorrisinho no rosto. Depois todos deram uma leve risada. Fiquei sem entender nada.

— Filha, a gente tava só esperando você aparecer! Estávamos falando justamente sobre isso um pouco mais cedo, o quanto você devia estar ansiosa com sua primeira apresentação oficial com a banda. — Meu pai disse, ajustando a cadeira para colocar a mão em meu braço.

— Tá tudo bem, querida! Isso tudo que você tá sentindo significa que você não é de ferro nem tem sangue azul, é gente como a gente! — Meu pai continuou, dando uma risada no final.

— Eu tô com medo de envergonhar vocês lá na frente pai! Imagina se eu errar

tudo lá na hora? – Minha voz estava chorosa e algumas lágrimas começaram a rolar, não pude me controlar.

— Oh, meu bemzinho, venha cá. — Meu pai disse, se aproximando mais um pouco pra me dar um abraço.

— Filha, você sabe que a gente sempre vai estar aqui pra te dar todo o apoio possível. Você nunca precisa ter medo de demonstrar suas aflições pra gente!  
— Minha mãe disse. Ela agora estava atrás de mim, passando a mão no meu cabelo.

— Agora trate de parar de chorar, a gente vai dar um jeito de te acalmar. Vou te contar uma história. Vou te contar da vez que eu estava passando pelo o que você está passando agora, da minha primeira apresentação de verdade com a União. Ou você acha que seu pai não teve medo também? Ora pois, tenho até hoje!

— Sério?

— Mas é claro! Olha, talvez esse nervosismo antes de uma apresentação nunca passe. Comigo nunca passou, mas eu aprendi a lidar com ela! Hoje em dia, posso falar que é um sentimento até gostoso, porque ele é único. A gente só sente isso antes de se apresentar.

A vó Nena voltou à mesa, me entregando uma xícara com chá de erva cidreira.

— Toma netinha, tá bem docinho que é pra você se acalmar. Sabe, tinha noites antes de apresentação, quando seu pai era mais novo, que ele tremia igual vara verde, ficava num nervosismo que só! Esse chazinho sempre o acalmava, vai te fazer bem também — Disse com aquela simpatia que só as avós têm.

— Pior que é verdade. Esse chá aí é milagroso, vai te fazer bem. Ó, vou te contar do dia da primeira apresentação. Igual sua vó falou, eu tremia igual vara verde. Tocava corneta naquela época, tinha mais ou menos a sua idade. Nosso regente, o Sr. Gegê, comandava a gente com mão de ferro, não podia errar nada, nem nos ensaios! Todo mundo tinha medo dele, mas não era medo de verdade, era só respeito. Ele era uma pessoa muito boa, se importava muito com todo mundo. Era um baita professor, formou muito músico por aí, a União deve muito a ele.

Enfim... na noite anterior à minha primeira apresentação, eu tava morrendo de medo. Achava que ia errar tudo na hora H e teria que enfrentar a ira do regente. Daí resolvi sair de casa pra tomar um ar e encontrar o pessoal da minha idade que tocava comigo na época. Tava todo mundo do mesmo jeito, apreensivo que só. Mas acabou que cada nós ajudamos um ao outro. Pensamos assim: “Ora, a gente tem o melhor professor de todos, esse medo de errar é muito bobo!”

Meu pai estava se divertindo contando a história.

— Eu podia até não lembrar das minhas partes de cabeça naquela noite, mas era óbvio que isso ia acontecer por causa do meu nervosismo. Daí, pus na minha cabeça que, na hora que eu me sentasse no meu lugar e pegasse minha humilde corneta, eu ia colocar em prática as incontáveis horas de ensaio com a banda. E todo mundo ali iria fazer o mesmo e a gente ia fazer mágica, e todo mundo ia se encantar com a música e nos aplaudir depois. Ah, minha filha, depois que eu coloquei isso na minha cabeça, nada nem ninguém ia mudar minha opinião!

Consenti com a cabeça, já um pouco mais calma, o choro tinha passado. Ele continuou:

— E eu sei que você também passou incontáveis horas praticando com a banda, e mais incontáveis horas praticando no seu quarto, porque eu toco com você na banda e depois te ouço tocar. Então respire fundo, vai ficar tudo bem.

E depois de ouvir as pessoas mais importantes da minha vida darem todo o apoio que eu precisava, metade de mim se encheu de esperança e a outra metade ainda sentia um pouco de medo do que poderia acontecer na manhã seguinte. Comecei a imaginar as inúmeras possibilidades que essa apresentação poderia ter. Pensei nos amigos presentes, em minha vó orgulhosa fazendo os registros, no meu pai que estaria - literalmente - ao meu lado tocando, em minha mãe, que por anos moveu mundos e fundos, assim como várias companheiras, mães, irmãs e avós que fizeram de tudo para a banda poder tocar, viajar e se manter de pé, cozinhando, lavando, passando e cuidado das crianças. Pensei também em todas as outras garotas que antes de mim não puderam estar onde estou, ocupando um espaço que era totalmente masculino e me senti grata e mais confiante. Afinal, além de todo ensaio, eu aprendi a tocar na escolinha de música da banda e lembrei do tanto que o professor Chiquinho, com toda sua paciência anos e anos à frente da escolinha, se sentiria orgulhoso em saber que o grande dia chegou. Respirei mais uma vez bem fundo e uma onda de confiança tomou

conta de mim. Aproveitei essa sensação ao máximo, porque sei que ela não duraria muito.

Era a hora de deitar pra dormir. Deveria ensaiar mais? Reler as partituras, tocar todos os dobrados pela milésima vez? Não, isso não iria funcionar. Acho que realmente era a hora de descansar.

— Bença, vó, boa noite pai, até amanhã mãe! — Disse com um sorriso no rosto.

Já era a hora de dormir. Subi as escadas ouvindo cada vez menos o barulho da conversa deles lá embaixo, que continuavam a lembrar das apresentações do meu pai e de todos os “causos” da banda. O meu preferido, e talvez o mais emblemático, é a história de quando foram tocar na posse de Tancredo Neves, que acabou nunca acontecendo. Mesmo sem ouvir ao certo o que estavam falando, a risada do meu pai condenou tudo. Não sei quantas vezes já ouvi essa história, mas essa é daquelas que a gente não se cansa de ouvir.

Deitei a cabeça no travesseiro e quase pegando no sono, pulei da cama. Meu deus, o uniforme! Abri meu guarda roupa e como minha mãe fazia por anos com meu pai, ele estava lá, com um cheiro de roupa limpa que entrava no nariz como um abraço. Aquilo me fez lembrar de todo o orgulho que tinha ali envolvido. Afinal, minha avó foi por muitos anos a costureira oficial da banda, e mesmo não sendo mais, fez questão de fazer esse que seria o uniforme oficial da minha primeira apresentação. Chorei mais um pouco, mas dessa vez lágrimas de emoção e alegria, como se estivesse desabando de mim todo medo e toda insegurança que eu cultivei nos últimos dias.

Deitei, agora pra valer. “Santo anjo do Senhor, meu zeloso guardador...”. Adormeci antes de terminar a oração que replicava anos a fio desde que me entendo por gente. Minha proteção.

Acordo com o som do despertador. São 6h20 da manhã. Eu abro os olhos, salto da cama, coloco o uniforme, tomo café, vou por Jardim e pronto, como num passe de mágica, estou comemorando a apresentação incrível que acabei de ter.

— Dafne? Vamos, acorda filha! Você não é de ficar na cama, justo hoje vai se atrasar?

— Ai meu Deus, socorro! Que horas são? — Pergunto desesperada para minha mãe, que está ao lado da minha cama.

— São 6h22, ouvi o despertador tocando e vi que você não levantou... tá tudo bem querida! Você não está atrasada.

Que desespero, estava me sentindo tão aliviada! Queria voltar pro sonho onde a apresentação já tinha acabado e eu ficava de pé vendo todo mundo me aplaudir. Minha própria mente pregou uma baita peça em mim.

Me levantei, agora de verdade. Coloquei meus chinelos da Mulher Maravilha que ficavam ao lado da cama. Ao olhar para eles, senti pela primeira vez que eu realmente queria ter super poderes, mas o de passar o tempo mais rápido, ou o de saber tocar super bem sem errar uma nota.

Conferi de novo. O uniforme, as partituras, meu instrumento, que chegava a cegar os olhos de tanto que foi lustrado nesses últimos dias... Tudo em ordem. Desci as escadas.

Era como se fosse meu aniversário, minha vó tinha feito o famoso bolo de cenoura que só era feito em três ocasiões especiais: o aniversário de alguém da família; quando os netos passavam de ano na escola e no dia 15 de novembro, pro café da manhã de aniversário da banda. Minha mãe preparou o café forte de sempre e fez os famosos ovos mexidos de todo dia. Meu pai tinha ido na padaria buscar o pão de queijo quentinho e já estava abrindo a porta quando eu estava sentando na mesa. Nesse momento eu senti que poderia ter um ótimo dia, independente do que fosse acontecer. Ninguém tem um dia ruim depois de um bolo de cenoura delicioso, né?

A casa estava em festa. Era como se eu estivesse passado na faculdade ou conseguido um 10 na nota final de física... Eu não conseguiria explicar a sensação nem mesmo se escrevesse um conto só para isso.

Já estava perto da hora de me arrumar. Antes de subir eu vi minha vó acender a vela pro santo, como ela mesmo dizia. Algo bem comum nas apresentações importantes da banda.

— Filha, desce com o trompete, vou conferir a afinação e colocá-lo no carro.

— disse meu pai.

E nesse momento, eu sabia que não tinha mais pra onde fugir. O momento chegava cada vez mais perto. Subi. Tomei um banho e pedi para que aquela água que descia morna pelo meu corpo levasse embora toda ansiedade daquele momento. Não preciso nem dizer que não funcionou. Talvez eu não tenha a mesma fé de minha vó, mas pelo menos tentei.

Vesti as meias da sorte, eu as chamo assim porque, em um momento de puro desespero antes da prova final de matemática, Edu disse que eu precisava de um amuleto da sorte e me entregou um par de meias que usou no dia anterior, o dia da prova dele. Ele tinha acabado de descobrir que havia tirado nota 10, e não iria fazer mal eu usar a meia dele para atrair a mesma nota! Pronto, bastou a meia - e muito estudo - para eu passar, e desde então, por desengano de consciência, uso a meia em ocasiões que preciso de uma sorte a mais. Hoje não seria diferente.

Vesti meu uniforme. Sinto que fico muito bem de azul. Ainda bem, pois se não ficasse, isso seria um problema. Quase tudo na União é azul, azul, azul. Coloquei a medalha de Santa Cecília no bolso, a que minha avó me deu no dia do meu batizado e que carrego sempre comigo. Estava pronta. Me olhei no espelho e não aguentei. Desabei. Estava pronta? O choro não veio, estava entalado. Quando me dei por mim estava minha família, os três parados na porta, com os olhos marejados, emocionados me olhando de uniforme, pronta para minha primeira apresentação.

— Você está tão linda, filha! — disse minha mãe.

— Meu Deus do céu, você nasceu para usar este uniforme! — replicou meu pai.

— É a coisinha mais perfeita desse mundo! — disse vovó.

Nos abraçamos, um abraço bem apertado. Nesse abraço consegui forças para encarar essa apresentação e tudo que o mundo tivesse a me oferecer.

Entramos no carro e o clima ainda era de festa. Até me sentei no banco da frente!

— Os dois estão de uniforme, então os dois irão na frente! — exclamou minha mãe.

Não demorou muito e o grupo do WhatsApp da banda já estava movimentado. Era selfie pra todo lado, era áudio do Hamilton, era Leandro fazendo as brincadeiras de sempre... ah, pronto! Meu pai tinha até enviado uma foto minha de uniforme.

Chegamos, foi difícil estacionar próximo a sede, a Rua Direita fica bem movimentada aos domingos e dia de banda na praça é dia de gente por todo o centro de Mariana.

Todo mundo se abraçando e desejando boa sorte aos que hoje teriam sua primeira apresentação. Eu agradecia mecanicamente, minha cabeça estava muito focada em não gritar ou sair correndo de desespero. Subi as escadas da sede como se fosse a primeira vez, lembrei de mim bem pequena subindo, segurando a mão de meu pai, que cumprimentava todo mundo, até as aranhas da parede! Lembrei de quando ele me colocou no colo ao lado de Chiquinho, que estava terminando a aula da turma de crianças, e lembro dos meus olhos brilhando vendo aqueles instrumentos enormes e dourados e o tanto de criança que tocava e fazia aquilo parecer fácil!

“A pequena quer entrar na banda?” — perguntou Chiquinho

“Filha de peixe, né?” — Meu pai disse, todo orgulhoso. Parecia que ele já sabia com seria meu futuro com a União, que ele nunca teve dúvidas quanto a isso.

O resto eu não lembro muito bem, só sei que na próxima semana eu já estava tendo aula, toda atrapalhada tentando descobrir o instrumento que mais se encaixava comigo.

Meus olhos estavam marejados de tanta nostalgia. Cheguei no último degrau, avistei minha cadeira e fui sentar. A formação estava completa, todo mundo em seu devido posto, com as partituras, instrumentos na mão e muito nervosismo, aquele mesmo que meu pai comentou que nunca some. Eu acho que paixão pela banda é isso, o frio na barriga serve pra lembrar que o coração vai sempre estar aquecido pelo amor à música.

Já era hora de partir rumo ao Jardim, tocando o hino de Mariana pelas ruas até chegar no coreto. Bom, essa eu nem precisava de partitura, é como se eu tivesse aprendido dentro da barriga da minha mãe.

Músicos pronto em fileira, não tem mais como fugir. Bom, na verdade até tem, mas como eu me explicaria depois? Andamos pela Rua Direita até chegar na Catedral da Sé. Ali, já comecei a ver os olhares curiosos dos turistas e moradores da cidade, que começaram a nos acompanhar até o Jardim.

Lá já estava tudo montado. Eu só via meu lugar, separado como se tivesse uma luz iluminando minha cadeira, nesse momento eu não conseguia ver mais nada. Andei rumo ao meu lugar, olhei a partitura e o mais temido aconteceu: estava em grego. Não literalmente, é claro! Mas eu simplesmente não entendia nada. Meudeusdocéueagoracalmarespira um... dois... três... não tem mais volta. senti um sopro no ouvido, algo como se uma divindade me dizendo que ficar tudo bem, “respira, você chegou até aqui, você é capaz...”.

Olhei para frente, e no levantar da batuta eu não precisei de mais nada.

Fui tomada por uma ansiedade e um calor, desses que fazem a nossa mão suar. Não ouvia nada, não era capaz de ver ninguém, era apenas eu, meu trompete e o regente. Eu a lia a partitura, conseguindo compreender cada nota, cada movimento e cada manobra que a mão do regente fazia delicadamente indicando o caminho que eu precisasse seguir para conseguir tocar aquele e todos os outros dobrados que viriam pela frente. Encostei minha boca no bocal e toquei. Não errei. Senti meu corpo ser tomado por uma coragem e pelo ritmo da música. Fui conseguindo aos poucos ouvir a banda, ver todos que estavam pela praça prestigiando, ver os olhos curiosos de todo turista que passava por lá e avistei minha vó, que muito provavelmente estava gravando a si mesma, sem perceber, nos filmando. Vi minha mãe segurando o terço, e Eduardo com um baita sorriso no rosto, acenando a cabeça em tom de aprovação. Pronto. O último sinal havia sido dado, o último dobrado acabou. Fim da apresentação, como num passe de mágica.

Me levanto, olho pro lado e avisto meu pai, me olhando com os olhos cheios de água e o coração repleto de orgulho. Todos nós nos levantamos para receber os aplausos da plateia, que se misturava ao som das músicas tocadas pelos carros já em festa por ser domingo, dos sons dos pássaros e de toda a vida que o jardim ganha nesses dias.



Assim como no sonho, cheguei ao fim da minha primeira apresentação oficial enquanto musicista da União XV de Novembro. Agora que passou, posso até dizer que deu tudo certo e que estou pronta pra outra! Bem... isso até avisarem no grupo quando, de fato, será a próxima apresentação! Provavelmente vou passar por todas essas emoções outra vez, espero que muitas outras vezes, mas agora sei que terei uma ótima história pra contar quando meus filhos forem se preparar para sua primeira apresentação com a União.

*Fim.*

# AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, a Bianca Furquini pelo suporte, carinho, confiança e paciência. Sem você, este trabalho nunca sairia do papel. Agradeço também o Otávio Tavares pelas ilustrações, que dão mais vida aos meus textos. Agradeço também à Banda União XV de Novembro e todos que integram sua história, por servirem de fonte de inspiração.

Não menos importante, gostaria de agradecer também a minha família e aos meus amigos pelo apoio de sempre. Por fim, agradeço a Prefeitura de Mariana pela oportunidade e por acreditar e apoiar este projeto, e agradeço você, leitor, que leu até aqui.

